

TRADUZIR

TESTEMUNHAR

SOLANGE REBUZZI



Imagens | José Fernandes

Polichinello

A tradução na versão mais contemporânea do termo, se a considerarmos como um exercício, pode ser pensada pela via do testemunho. A questão nos convoca a refletir. O testemunho que nos vemos obrigados a dar vai também de encontro à quantidade de violência que nos rodeia. Não estamos mais nos campos de Auschwitz, mas estamos ao redor de Guantánamo e, ainda, participando de tudo isso, mesmo que passivamente, pois estamos assistindo às chacinas da Síria, tanto quanto buscando encontrar um termo para a nossa ditadura, que insiste em se dar a ver com restos de palavras e mesmo de ações violentas ou desrespeitosas de alguns de nossos políticos. As dificuldades são inúmeras e ainda vivemos buscando ultrapassá-las, especialmente aquelas que encobrem a democracia no Brasil.

Alguns poetas e tradutores de nosso tempo, entre eles Marc Nichanian, consideram que há um momento que se apresenta neste “tempo de Catástrofes” (“Catástrofe”¹ escrita com “C” maiúsculo como o nome próprio de um acontecimento violento) e horrores em série, que permeia a nossa reflexão atual, à qual, como tradutores, temos a obrigação de responder com o nosso trabalho.

Favorecidos por um *real* que formiga em espaços inimagináveis, ou seja, dentro da perspectiva na qual vivemos fazendo parte de um mundo que não nos poupa em absoluto, nem das crises nem das catástrofes, somos os sujeitos que têm a condição nas mãos de deixar um testemunho à língua materna a qual pertencemos.

Sim, podemos reconhecer o fato e tentar abarcar a questão buscando traduzir e testemunhar, como um exercício não apenas teórico; o que neste ensaio me proponho fazer, tanto quanto me ofereço a escrever e introduzir algumas questões de minha pesquisa com Francis Ponge utilizando também a psicanálise como suporte.

Por essa via abrirei o caminho com os versos deste importante poeta francês, falecido em 1988. Vou utilizar e traduzir fragmentos do livro-poema *Le savon / O sabão, L'Atelier contemporain / O Ateliê contemporâneo*, e FRANCIS PONGE. *PAGES D'ATELIER, 1917-1982 / FRANCIS PONGE. PÁGINAS DE ATELIÊ, 1917-1982* (inéditos em língua portuguesa), e versos de *L'Araignée / A Aranha* (também traduzidos por Haroldo de Campos), além de *Nioque antes da primavera* e *A cabra*, (traduzidos por mim).

O percurso da leitura

Alguns autores consideram que traduzir é a melhor maneira de se ler um texto, pois ao traduzir o leitor procura mostrar a sua maneira pessoal de ler o texto em questão. Traduzir será, dentro desta perspectiva, dar ao texto lido uma destinação, ou melhor, colocar a leitura em trabalho encadeado na direção do que se vai escrever a partir daí, por exemplo. Sabemos que não pode haver escrita sem leitura, nem texto sem leitor.

A tradução, como tarefa, vai ser pensada pela via do testemunho. Se nos interrogarmos sobre a importância do testemunho em nosso tempo, encontraremos inúmeros escritores e poetas que nos são caros que contribuem ou contribuíram com a força da palavra firmando uma ética para dizer, em textos e livros, o que importa ouvir depois de um tempo especialmente difícil ou violento.

Estamos desde sempre marcados, em nossa cultura, pelas leituras que fazemos sobre os relatos da humanidade de outros tempos. Mas, precisamos ler e ouvir os testemunhos humanos sempre, e cada vez mais, como uma forma de firmar a nossa própria humanidade.

Parece que sofremos de certa amnésia de tempos em tempos, e precisamos ser alavancados ao longo da história pelos relatos orais e as narrativas escritas que nos alcançam e conseguem efeitos surpreendentes, à maneira do que Freud nomeou

como “um bem-estar” com o texto; afirmação contida em “Escritores criativos e devaneios”. Freud nos revelou a importância dos escritores e dos poetas que nos tocam especialmente em nossa sensibilidade auditiva e visual, nos levando ao longo do texto que está sendo lido com a agradável sensação de que ouvimos algo conhecido e experimentado em algum outro momento de nossa própria vida, como se algumas vivências pudessem ser melhor entendidas e pensadas a partir de certas leituras, especialmente as poéticas.

Relembro que, se não fossem algumas traduções, por exemplo de textos proustianos e shakespearianos ou tantos outros importantes e destacados na literatura, entre eles a Bíblia, que nos é bem conhecida e próxima ao longo de séculos, não teríamos a chance de chegar mais perto de nossos sentimentos mais guardados e experimentar a vida com os sabores que, hoje, conhecemos. Acordamos os nossos sentidos, assim como a nossa capacidade crítica se amplia, conforme lemos mais e mais os escritos de nossos antepassados. O diálogo entre o passado e o presente é necessário.

Henri Meschonnic, no livro *Poética do Traduzir*, comenta as distintas traduções da Bíblia e suas importâncias históricas. Conclui em suas reflexões que, a partir das leituras desses textos e de suas muitas traduções, podemos, agora, estudar as nuances das línguas traduzidas com as compreensões que se apresentam diferentes do texto de origem. Ele nos esclarece que não há metro nem verso na Bíblia, mas há uma poética. É “um reinado do ritmo”, pois o ritmo oferece muito. Se assim apresentada, não

haverá na Bíblia mais o reino do par prosa e verso. Talvez, por essa razão, a tradução de Meschonnic priorize “traduzir os valores mais do que o sentido”.²

Podemos sempre dizer e mesmo reconhecer que o lugar da tradução, em nossos dias, continua sendo de importância fundamental. O poeta e tradutor Yves di Manno, que traduziu Ezra Pound, William Carlos Williams, George Oppen entre outros, afirmou que um livro só cumpre realmente a sua função no mundo quando traduzido. Ele reconheceu o desejo de traduzir se impondo como uma extensão à leitura, uma maneira de entendê-la e de lhe dar uma forma concreta, fixando-a em uma outra língua. Di Manno contribui para nossos estudos ao afirmar que toda tradução é subjetiva, e é uma possibilidade de leitura entre outras. Portanto, a tradução deve respeitar a letra do original na medida do possível. Ele também considera que o fundo de uma tradução repousa sobre a dissolução do ‘eu’, já que uma má tradução deixa ouvir com insistência a voz do tradutor.

Como leitores, nós não teríamos a chance, repito, de chegar perto de tantas outras línguas e obras vívidas, com as sutilezas que elas carregam, se não fossem as traduções, que nos alcançam através do difícil e delicado trabalho efetuado pelos tradutores. Eles são os sujeitos que se dedicam, muitas vezes durante a vida inteira, a ler e traduzir os escritores que passam a fazer parte de nossos dias, de nossos pensamentos e avaliações críticas sobre algumas questões importantes do mundo em que vivemos.

As grandes épocas poéticas são períodos ricos em traduções. E é Di Manno ainda quem relembra que sem novidades vindas do estrangeiro, qualquer cultura acaba por reexaminar indefinidamente as mesmas coisas, os mesmos textos, permanecendo portanto fixa em um só horizonte.

A partir de 2005 comecei a ler com mais interesse a obra do poeta contemporâneo Francis Ponge a quem conhecia apenas por um livro. O desejo nasceu, sobretudo, com a descoberta de que João Cabral de Melo Neto foi leitor e admirador de Ponge.

A Ponge dedico algumas horas de minha vida, na maturidade deste tempo precioso que me ensina sutilezas da língua francesa e me ajuda a conhecer aspectos inusitados da História e da vida literária da França, além de me dar a chance de pesquisar um pouco, ainda que bem pouco, no *Littré*. Este impressionante dicionário, construído por “*Monseigneur*” Émile Littré, tão dedicado na tarefa de escrever e organizar uma história da língua francesa, ao longo de muitos anos e de forma monacal com a ajuda da esposa e da filha.

Comento que o trabalho no *Littré* é permanente e realizado com atenção às raízes das palavras, aos sufixos e prefixos das mesmas. Esse dicionário, que foi tão caro a Ponge ao longo de sua vida de escritor, está publicado pela editora Hachette. O projeto do livro foi efetuado em 1841, e o autor principalmente se deteve em escrever um dicionário etimológico da língua, e uma espécie de antologia da literatura e da história francesa durante nove séculos.

As pesquisas efetuadas para esse fim se fizeram sem descanso, *nulla dies sine linea*, conforme palavras do próprio Littré no livro *Comment j'ai fait mon dictionnaire / Como fiz meu dicionário*. Por esse motivo, encontramos razão no Dicionário para também descobrir como alguns poetas podem aprender detalhes da língua francesa e levar esse aprendizado para seus próprios escritos poéticos.

Constato que nos poucos e intensos dias em que me debrucei sobre a letra de Ponge na biblioteca Jacques Doucet, aquela que está localizada no alto da montanha Sainte- Genéviève, bem em frente ao Panthéon, reforcei o desejo de conhecer mais a obra desse escritor. Estava quente em Paris, dentro daquela curiosa biblioteca, e esses detalhes importam agora neste momento em que escrevo o meu testemunho sobre o ato de traduzir Ponge pesquisando, pois retornam também aos meus dedos o aspecto de alguns manuscritos com seus rabiscos em cores distintas de canetas, além dos cuidados especiais que surgiam em exclamações dadas pelo senhor que organizava o dia a dia de nossas pesquisas, e que vinham junto com alguns pedidos sutis:

– “Atenção, não toque no papel”!

“Cuidado. Escreva apenas a lápis!”

A letra de Ponge, que não me era desconhecida, elevou meu entusiasmo nesse encontro com o texto do poeta, como se fosse o de um amigo. Claro, que depois de algum tempo pesquisando os escritos e os poemas do poeta, tocada pelas traduções e pelo

trabalho com a linguagem que ali se mostravam também, cheguei a esses inéditos e manuscritos de maneira bem delicada.

O primeiro texto lido naquele momento – *Souvenirs d'Avignon* / *Lembranças de Avignon* – guarda aspectos da história do escritor que eram desconhecidos para mim até então. Exatamente as lembranças infantis vividas em Avignon, na casa grande onde também moravam tia Augusta e tio Artaud ali rememorados. Não encontrei em nenhum outro escrito de Ponge referências a esse tempo de sua vida. No entanto, como *souvenir*, o manuscrito é bem interessante porque estão inseridas nele as brigas em cenas violentas que, observadas pelo olhar de uma criança, não conseguiam ser entendidas. Como um casal, tão querido, podia trazer à família cenas que indignavam tanto, logo após algumas horas de bebedeira do tio, por exemplo.

Se retomarmos Freud, no texto “Lembranças encobridoras”, veremos que ele se mostra mais preocupado com o que a recordação encobre do que propriamente com o material recapturado na memória. Freud chama a nossa atenção para o lugar da fantasia, da ação do recalque que fragmenta as recordações das experiências, e para a inscrição indelével do infantil no psiquismo. A compreensão da lembrança fragmentada lacunar, essas tais lembranças encobridoras, serão fundamentais para o trabalho de análise. Podemos ainda comentar, conforme afirmam os psicanalistas, é aí que se reafirma a impossibilidade do resgate da infância em sua forma original.

E as lembranças da casa de Avignon são interessantes nesses múltiplos aspectos, inclusive nesse que minha leitura insere aqui, porque o menino Ponge é percebido no infantil de seu olhar indagador, absorvido na vida das brigas (amorosas) desse casal de tios.

Como pesquisadora e realizando uma experiência de tradução, estabeleço com os manuscritos lidos um laço diferente. Dedico-me a traduzi-los, contudo sem me preocupar somente com a tradução. Percebo que estou interessada na obra e nos detalhes da escrita que vão se fazendo obra. Portanto, não estou escrevendo nem traduzindo apenas como tradutora. A partir disso, segui em minhas leituras, ainda na biblioteca Jacques Doucet, incluindo em minhas próprias notas alguns comentários sobre os textos reflexivos do trabalho de Francis Ponge com a linguagem.

Encontro, entre seus leitores, Bernard Beugnot em “Francis Ponge et l’invention des formes / Francis Ponge e a invenção das formas”³ que participa dos guardados dessa biblioteca – e, relembro que é ali que está uma outra parte do acervo, dentro de outra biblioteca, como se fosse um anexo. Explico: a biblioteca Sainte-Généviève se comunica através de uma escada, em uma sala do andar térreo, com a outra biblioteca que se localiza no alto; a Jacques Doucet, a que guarda os manuscritos. Anotei que Ponge explica que escrevia “cada vez de forma nova” pois considerava que nada era mais estranho do que a versificação tradicional ou as formas fixas. Nessa “Babel” de manuscritos

encontro alguns estudos dos leitores de Ponge, além de seus próprios cadernos com poemas e inéditos.

Os textos pongeanos são estudados ainda por J.M. Adam, por exemplo, ao analisar “Lézard”, como *anagrammatisation* / *anagramatização*, quando são feitas descrições de objetos assim como em outros poemas que são nomeados “poemas retóricos”. Essa afirmação sobre a retórica em seu poema é do próprio Ponge, especialmente para o poema “La chèvre / A cabra”, no qual a escrita vai colocando o leitor no caminho, orientando o olhar na direção dos modos de funcionamento do texto. Especificamente em “A cabra” o fato se apresenta abrindo ao leitor uma escrita que jorra no céu noturno pontuando-o de estrelas, pois a cabra está nas estrelas, na constelação de Capricórnio.

A imagem construída pelo poeta, possivelmente também gratificado diante de uma visão noturna, nos oferece em versos a forma como o seu texto cresceu. Repito Ponge, logo nas primeiras linhas do poema, quando se apropria de um aspecto da cabra, ou seja, de seu leite, para oferecer ao leitor a confirmação de o quão difícil é tirar leite de pedra, aqui no caso associado à cabra-texto:

Nossa ternura ante a noção da cabra é imediata pelo que ela comporta entre suas patas delgadas – inchando a gaita de foles com os polegares abaixados que a pobrezinha, sob o carpete em forma de xale sobre seu espinhaço sempre de esguelha, incompletamente dissimula– todo aquele leite que se obtém das pedras mais duras pelo meio roído de algumas ervas raras, ou de ramos de vinhas, de essência aromática.⁴

(A cabra, inédito)

É nesse poema, mais adiante um pouco, quando o leite texto é derramado nos céus que o poeta vai experimentar a alegria de fazê-lo, mostrando que ao trabalhar com o seu *objeu*, ‘objeto em jogo’, na linguagem pode sentir o júbilo / o *objoie*.

Todavia, isso veremos depois.

c)

Experimentar traduzir para buscar dizer a coisa que se traduz é buscar dizê-la em sua impossibilidade, já que sabemos que a “coisa” é inapreensível em sua totalidade. Umberto Eco no livro *Quase a mesma coisa* retoma essa impossibilidade afirmada, também, pela psicanálise. O tradutor reconhece na tarefa de buscar dizer esse “quase”, uma dificuldade de dizer a mesma coisa ao se traduzir um texto literário.

Ao me dedicar aos *proemas* de Ponge e buscar traduzi-los, reforço a direção de meus estudos e sinalizo, inclusive, que é preciso traduzir poetas, especialmente aqueles que escrevem e testemunham em poemas, assim como em fragmentos poéticos, dizendo o que resta a dizer deste nosso tempo no qual a crise é, inclusive, a do testemunho.

Marc Nichanian levanta a questão do trauma, termo caro à psicanálise freudiana, e procura deixar a terapêutica de lado, para indagar onde o trauma se inscreve hoje. Considera o escritor que aí está o desafio de nossa época, pois já se constatou que não há “civilização sem tortura”. Em geral, conforme

constatamos em diferentes culturas, o efeito da tortura é “o de eliminar a testemunha”⁵, ou o testemunho. A discussão seria razão para muitas reflexões sérias em nossos dias, mas vamos caminhar guardando essas leituras para outros estudos.

Quero sublinhar que a tradução, especialmente poética, pode ser vivida como um exercício, uma pesquisa, um ato de amor e, especialmente, um testemunho. É dessa forma que me coloquei na experiência de traduzir Francis Ponge no livro *Nioque antes da primavera* entre outros versos e fragmentos do autor.

A experiência de pesquisa com a língua do outro foi se fazendo, principalmente, com os dicionários, mas também na internet e em leituras paralelas com os muitos livros de Ponge, assim como com os seus leitores críticos. Diante, por exemplo, da planta citada pelo poeta em *Nioque*, o abronceiro, que também é conhecida entre nós com muitos outros nomes: espinha branca, cambrulheiro, escambrulheiro, espinheiro-branco, pilriteiro, etc., encontrei que ela é uma planta muito “celebrada por poetas e romancistas sob os mais diversos nomes”⁶, fato que com certeza era sabido por Ponge, porque por ser um arbusto bastante comum na França, o “*aubépine*” pode chegar até a idade de 500 anos. Porém, segundo a fonte que pesquisei, há nesse arbusto tanto o símbolo da delicadeza, quanto o da sutil beleza. Então, ele pode até ser um arbusto bem comum, mas não é qualquer. E possui uma madeira dura como o ferro.

O ato de amor ao texto, que vai se inscrevendo ao se traduzir, nasce portanto dessas muitas descobertas que o trabalho com a escrita do outro nos proporciona, e que quero aqui testemunhar também. A relação vai se dando dentro de certo “impossível”, pois não tem completude a tarefa que se apresenta exatamente como o trabalho do poeta, ou seja, fazendo uso deste lugar que *Nioque antes da primavera* tão bem comprova; um escrever que o traduzir absorve e desdobra, pois dessa maneira o trabalho do autor favorece ao tradutor que também escreve.

Nas nuances da escrita pongeana com a letra, que “podada” recupera importantes momentos do fazer poético, e que é parte fundamental a se destacar na leitura que faz o leitor participar do trabalho traduzido, importa uma leitura de atenção. E um leitor atento pode, de fato, acompanhar inclusive a observação dada à mancha do texto.

Vamos aqui priorizar um momento que, de início, surgiu sem tradução possível no *Nioque* pongeano.

O poeta escreveu em 10 de abril de 1950:

Ah ! branchettes, baguettes, ramettes,
vergettes, vous foliolez, feuilliessez.

Vous : pronoms, bourgeons.

Foliolez, etc. : le verbe à la deuxième personne du
pluriel : entre l'impératif et l'indicatif présent (Et
d'ailleurs cela se déploie, s'enfeuille

(R S E Z)
erre, esse, é, zède

Traduzi:

Ah! galinhos, bastõesinhos, raminhos,
varinhas, vocês foliolem, folheçam.

Vocês: pronomes, botões.

Foliolem, etc.: o verbo na segunda pessoa do plural:
entre o imperativo e o presente do subjuntivo (E, aliás,
se desdobra, se enfolha

(R S E M)
erre, esse, é, eme

A tradução neste caso foi se fazendo em camadas, e se modificou a partir de um comentário trocado, em um *e-mail*, com outro tradutor e sugerido pela editora. Consta- tei, por exemplo, que o verso de letras, enigmático, citado acima, exigia criação, e se seguirmos os ensinamentos de Haroldo de Campos, o verso exigia transcrição. A ideia, portanto, a que permaneceu foi a de manter a intenção do poeta que parecia dar uma ordem às flores para que se tornassem cor-de-rosa, ou seja, que mostrassem sua beleza-cor.

Entendemos a tradução ainda como um ato, e podemos sempre pensar que Ponge colocou um pouco de seu desejo de escrita-pintura, e o fez com essas quatro letras “R” “S” “E” “Z” guardando à vogal “O” uma sonoridade imperativa e em movimento, mas recolhida. A tradução exigiu dedicação e um toque de audácia. Trocamos uma das letras do verso e autorizamos o texto a brotar. As rosas de Ponge conseguem e podem rosar, obedecendo à lógica do texto que diz em português: R(O)SEM!

Ao leitor, contudo, uma leitura de persistência. É ele que vai perceber de forma sutil o trabalho com a língua e com a linguagem. Quando o texto diz: rosem, está dizendo desabrochem, sigam seu caminho na natureza, e façam o leitor perceber que a escrita é capaz de florir na língua!

Solange Rebuzzi é escritora, psicanalista e pesquisadora. Publicou livros de poesia, ensaio, ficção e textos de psicanálise em revistas no Brasil, na França e na Argentina. Dentre os livros de poesia *Leblon, voz e chão* (7Letras, 2004) com fotos de José Eduardo Barros, os ensaios *Leminski, guerreiro da linguagem* (7Letras, 2003) e *O idioma pedra de João Cabral* (Perspectiva, 2010), os romances *Estrangeira* (7Letras, 2010) e *Quase sem palavras* (7Letras, 2011), as narrativas poéticas *Livro das areias* (Lumme, 2012) e *Gradiva verão* (Lumme, 2013) ilustrado por Francisco dos Santos. Traduziu “A cabra” de Francis Ponge (inédito), e *Nioque antes da primavera* (Lumme, 2012)
